



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARINEIDE FELIX DE MACEDO

EDUCAÇÃO E POESIA: NARRATIVAS DE UMA JOVEM DO CAMPO

**GUARABIRA - PB
2025**

MARINEIDE FELIX DE MACEDO

EDUCAÇÃO E POESIA: NARRATIVAS DE UMA JOVEM DO CAMPO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Políticas públicas educacionais

Orientadora: Dr^a Kamila Karine dos Santos Wanderley

**GUARABIRA - PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M141e Macedo, Marineide Félix de.

Educação e poesia [manuscrito] : narrativas de uma jovem do campo / Marineide Félix de Macedo. - 2025.
32 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Kamila Karine dos Santos Wanderley, Departamento de Educação - CH".

1. Educação do campo. 2. Leitura e poesia. 3. Narrativas de si. 4. Políticas públicas. I. Título

21. ed. CDD 370.981

MARINEIDE FÉLIX DE MACEDO

EDUCAÇÃO E POESIA: NARRATIVAS DE UMA JOVEM DO CAMPO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia

Aprovada em: 28/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Kamila Karine dos Santos Wanderley** (***.380.574-**), em **09/06/2025 08:27:25** com chave **b7b2de56452411f08dea2618257239a1**.
- **Thayana Priscila Domingos da Silva** (***.032.384-**), em **09/06/2025 10:17:57** com chave **291ba30c453411f091e11a1c3150b54b**.
- **Francineide Batista de Sousa Pedrosa** (***.385.164-**), em **09/06/2025 08:43:41** com chave **fd722062452611f0b1c12618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 09/06/2025

Código de Autenticação: 18b57f



Dedico este trabalho aos meus pais, Izabel e Severino, que com garra e amor, cultivaram a terra e plantaram esperança. E hoje, graças a eles, colho os frutos do saber e da oportunidade. A cada passo dado rumo às conquistas, está o suor deles.

A Educação do Campo nos transforma
Nos faz ter um outro olhar,
O que antes era feio
Hoje passo a admirar
E o que era preconceito
Hoje aprendo a respeitar.
Deise Ribeiro (A Poeta Camponesa)

LISTA DE IMAGENS

Figura – 1	Estrada que dá acesso à cidade de Alagoinha	01
Figura – 2	Autora passando pela estrada que dá acesso à cidade.....	01
Figura – 3	Limpeza da lavoura de milho realizada pela minha mãe	02

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.	Artigo
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
Pronera	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	13
3	DO CAMPO À LEITURA DO MUNDO.....	15
3.1	Educação <i>do e no</i> Campo.....	15
3.2	Ler o mundo.....	21
4	RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ENCONTRO COM A POESIA.....	23
5	CONCLUSÃO	27
	REFERÊNCIAS	29

EDUCAÇÃO E POESIA: NARRATIVAS DE UMA JOVEM DO CAMPO

EDUCACIÓN Y POESÍA: NARRACIONES DE UNA JOVEN CAMPESIANA

Autora: Marineide Felix De Macedo ¹
Orientadora: Dr^a Kamila Karine dos Santos Wanderley ²

RESUMO

A Educação do Campo no Brasil é uma política pública que busca garantir o direito à educação para a população rural. Desse modo, este artigo tem como objetivo compartilhar experiências escolares e práticas de leitura vivenciadas no contexto rural, evidenciando de que forma a Educação do Campo e a poesia contribuíram para a afirmação da identidade camponesa e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Especificamente, busca-se: 1) resgatar memórias escolares e experiências marcantes na formação leitora no campo; 2) compreender a importância da Educação do Campo na construção da identidade camponesa; e 3) retomar os primeiros contatos com a literatura, evidenciando o gosto pela leitura e pela poesia como formas de expressão dos sentimentos, das emoções e da realidade cotidiana por meio da escrita poética. A pesquisa foi orientada pela seguinte questão norteadora: Como as narrativas de si, ancoradas na experiência escolar e no encontro com a leitura e a poesia, revelam o papel da Educação do Campo na construção da identidade camponesa e no fortalecimento do pertencimento? Utilizamos teóricos como Paulo Freire (1982), Caldart (2004), Baptista (2014), entre outros, que contribuíram para a fundamentação teórica deste trabalho. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com base na análise de um relato autobiográfico da trajetória da autora, que narra vivências desafiadoras enquanto estudante do campo. A literatura e a poesia aparecem como caminhos de expressão e resistência diante das adversidades do cotidiano. O estudo também evidencia a importância da Educação do Campo enquanto política pública construída a partir das lutas sociais, valorizando as raízes camponesas como lugar de pertencimento e identidade.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Leitura e Poesia; Narrativas de Si; Políticas Públicas.

RESUMEN

La Educación del Campo en Brasil es una política pública que busca garantizar el derecho a la educación para la población rural. En este sentido, el presente artículo tiene como objetivo compartir experiencias escolares y prácticas de lectura vividas en el contexto rural, evidenciando de qué manera la Educación del Campo y la poesía contribuyeron a la afirmación de la identidad campesina y al fortalecimiento del

¹ Licencianda no curso em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

² Professora orientadora do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

sentimiento de pertenencia. Específicamente, se busca: 1) rescatar memorias escolares y experiencias significativas en la formación lectora en el campo; 2) comprender la importancia de la Educación del Campo en la construcción de la identidad campesina; y 3) retomar los primeros contactos con la literatura, evidenciando el gusto por la lectura y la poesía como formas de expresión de sentimientos, emociones y de la realidad cotidiana a través de la escritura poética.

La investigación fue guiada por la siguiente pregunta orientadora: ¿Cómo las narrativas de sí, ancladas en la experiencia escolar y en el encuentro con la lectura y la poesía, revelan el papel de la Educación del Campo en la construcción de la identidad campesina y en el fortalecimiento del sentido de pertenencia? Se utilizaron teóricos como Paulo Freire (1982), Caldart (2004), Baptista (2014), entre otros, que contribuyeron a la fundamentación teórica de este trabajo. La metodología adoptada es de carácter cualitativo, basada en el análisis de un relato autobiográfico de la trayectoria de la autora, quien narra vivencias desafiantes como estudiante del campo. La literatura y la poesía aparecen como caminos de expresión y resistencia frente a las adversidades del cotidiano. El estudio también evidencia la importancia de la Educación del Campo como política pública construida a partir de las luchas sociales, valorizando las raíces campesinas como espacio de pertenencia e identidad.

Palabras clave: Educación del Campo; Lectura y Poesía; Narrativas de Sí; Políticas Públicas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo nasce das minhas vivências enquanto estudante camponesa e do desejo de narrar a trajetória que, por meio da leitura e da educação, me levou a trilhar caminhos de transformação. Para mim, a leitura tornou-se libertação: uma forma de compreender o mundo e de encontrar direção para a minha vida. Como ressalta Culler (1999, p. 20) “A literatura surgiu como uma ideia extremamente importante, um tipo especial de escrita encarregada de diversas funções”.

Ao longo da caminhada escolar, experimentei acolhimentos e invisibilizações — marcas que moldaram profundamente o meu jeito de ser e de estar no mundo. Foi ainda nos anos iniciais da educação básica que a leitura poética passou a habitar minhas primeiras escritas confiantes.

Somente na graduação tive contato com componentes curriculares que proporcionaram a valorização cultural da Educação do Campo e o reconhecimento das minhas raízes camponesas. Entre esses componentes, destaco a disciplina “Educação do Campo”, que ampliou minha compreensão sobre uma área que, até então, me era pouco conhecida, mas que falava diretamente da minha realidade e da de tantos outros sujeitos do campo.

A partir desse contato, percebi a potência cultural da zona rural — seus saberes ancestrais, suas práticas de resistência e suas riquezas simbólicas. Valorizar os territórios do campo e inserir, nas escolas que ali se encontram, práticas conectadas ao cotidiano dos alunos é essencial para fortalecer a identidade camponesa, em vez de impor conteúdos deslocados da realidade dos estudantes. Foi nesse cruzamento entre as minhas experiências de vida e os aprendizados acadêmicos que surgiu o desejo de abordar e compartilhar essa temática.

A Educação do Campo, que constitui o eixo central deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), responde às demandas das populações rurais, por meio de práticas educativas enraizadas nas vivências e nas lutas cotidianas dos sujeitos do campo, valorizando suas origens e identidades. Como afirma Caldart (2002, p. 19): “[...] a educação do campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino”.

Nesse percurso, a leitura de poesias, em meio às adversidades do campo, revelou-se para mim como mais do que um aprendizado: tornou-se ferramenta de expressão e afirmação de quem sou — uma jovem poeta camponesa em busca de um futuro que não nega suas origens, mas as potencializa. A travessia da educação básica ao ensino superior reforça que os jovens do campo podem ir além das cercas e das estradas de terra — não para se afastar, mas para se reconhecer enquanto sujeitos camponeses. Como diz Caldart (2002, p. 20), “o povo do campo é como sujeitos das ações e não apenas sujeitos às ações de educação”.

É nesse sentido que a Educação do Campo deve ser compreendida como uma política pública, construída a partir das lutas dos movimentos sociais e das comunidades rurais. Reconhecida formalmente pelo Decreto nº 7.352/2010, essa política busca garantir o direito à educação com qualidade social, respeitando as especificidades do campo e promovendo a justiça social e a equidade territorial. Sua implementação representa um avanço no reconhecimento das populações camponesas como sujeitos de direitos, contribuindo para a superação de desigualdades históricas no acesso à educação.

Esta pesquisa, fundamentada em autores como Paulo Freire (1982), Caldart (2004), Baptista (2014), entre outros, configura-se como uma narrativa autobiográfica sobre o encontro entre a leitura, a escola e a construção da identidade. O objetivo geral é, por meio das narrativas de si, compartilhar experiências escolares e práticas de leitura vivenciadas no contexto rural, evidenciando de que forma a Educação do Campo e a poesia contribuíram para a afirmação da identidade camponesa e o fortalecimento do sentimento de pertencimento.

Os objetivos específicos propõem-se a: 1. Resgatar memórias escolares, desafios, poesias e experiências marcantes na formação leitora do campo; 2. Compreender a importância da Educação do Campo na construção da identidade camponesa; e 3. Retomar os primeiros contatos com a literatura e evidenciar o gosto pela leitura e pela poesia como formas de expressão dos sentimentos, das emoções e da realidade cotidiana por meio da escrita poética.

O percurso metodológico foi estruturado em quatro etapas principais: a escuta e escrita das narrativas de si, centradas na trajetória escolar; a seleção e organização das memórias que emergiram desse processo; a escolha dos poemas, contemplando tanto produções autorais quanto de outros escritores; e, por fim, a realização de uma pesquisa bibliográfica que ofereceu fundamentações teóricas importantes para aprofundar e qualificar as reflexões apresentadas no texto.

A pesquisa foi orientada pela seguinte questão norteadora: Como as narrativas de si, ancoradas na experiência escolar e no encontro com a leitura e a poesia, revelam o papel da Educação do Campo na construção da identidade camponesa e no fortalecimento do pertencimento?

Para propiciar uma melhor compreensão sobre esta temática, o trabalho está organizado nos seguintes tópicos: Introdução, Percurso Metodológico, Referencial Teórico com as divisões 3.1 Educação do e no Campo e 3.2 Ler o Mundo, e, por fim, as Considerações Finais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, orientada por Narrativas de si na pesquisa (auto)biográfica. Essa escolha metodológica se fundamenta na compreensão de que a experiência vivida pode ser uma via legítima de produção de conhecimento, especialmente quando articulada à reflexão crítica sobre os contextos sociais, culturais e educacionais.

Inspirada nos pressupostos das narrativas de si no campo da pesquisa (auto)biográfica, Abraão (2012, p. 3) destaca que “as narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes”. Nessa mesma perspectiva, Reis (2024, p. 7) enfatiza que a pesquisa (auto)biográfica privilegia os estudos com narrativas, que denomina de relatos de vida. Desse modo, esta investigação parte das memórias e vivências da autora como leitora e estudante oriunda do campo, compreendendo que narrar-se é também construir saberes e sentidos sobre a própria trajetória formativa.

Com base nesses referenciais, o percurso metodológico foi estruturado em três momentos principais:

Primeiro momento – Narrativas de si: Nesta etapa, foi exercitada a escrita autobiográfica como prática de rememoração e análise crítica da trajetória escolar,

desde os anos iniciais da educação básica até o ingresso no ensino superior. Nessa perspectiva, Abrahão (2012) ressalta:

Trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. Por isso, o estudo (auto)biográfico é uma construção da qual participa o próprio investigador (Abrahão, 2012, p. 7).

A narrativa foi fundamental para reconstituir passagens marcantes, resgatando lembranças adormecidas que revelam os desafios e resistências enfrentados ao longo do processo formativo. Essa etapa dialoga com a ideia de que a memória é uma forma de produção de sentido e de reconhecimento de si no mundo.

Segundo momento – Momentos e organização: Nessa etapa, consistiu um momento cuidadoso de reflexão, reorganização e seleção sobre quais aspectos do relato pessoal seriam trazidos para construção do texto, e quais não seriam necessários manter para aproveitamento no decorrer da construção por pouca finalidade com o que irá ser abordado posteriormente, considerando sua importância para o objetivo da pesquisa. Primeiro foi necessário delimitar um tema que pudesse integrar todos os aspectos da trajetória, sem perder a coerência narrativa, contendo uma relação conceitual entre as escritas, orientadas pelas relações entre experiência e teoria. Essa escolha permitiu entrelaçar vivências escolares, familiares e comunitárias que enriqueceu essa construção.

Terceiro momento – Poemas e capítulos: Esse momento foi dedicado à escolha dos poemas, uma linguagem complementar à narrativa autobiográfica, que fizeram parte da minha vivência e me marcaram de forma positiva, que através das escritas poéticas, pude expressar as emoções, desafios, sentimentos e vivências, poemas esses que dialogam com o relato e reflexões ao longo do texto. Foram selecionados dois poemas de autores consagrados — um de Cecília Meireles e outro de Fernando Pessoa — e quatro de minha autoria, sendo dois deles trechos recentes que retratam a realidade dos desafios e da superação vivida pelos camponeses.

Um dos poemas foi escrito na infância, dedicado a alguém especial. Guardei seu rascunho nas páginas de um pequeno dicionário, e, com o passar dos anos, o papel, já desgastado e coberto de poeira, tornou-se quase ilegível. O outro poema resgata memórias da minha vida no campo, retratando os desafios vividos na pré-adolescência. Encontrei-o tempos depois, em um dos meus antigos cadernos de anotações, como um fragmento do passado que resistiu ao tempo. Essa seleção levou em consideração, obras de autores e poemas da própria autoria. A organização entre os capítulos, partiu das experiências iniciais, ou seja, os primeiros contatos com a leitura, visando a construção da identidade leitora até às reflexões sobre a leitura como prática de transformação social, refletindo uma jornada pessoal e conceitual, reunindo em narrativas, as memórias e poesias.

Quarto momento - Pesquisa Bibliográfica: A pesquisa buscou um levantamento de obras publicadas que contribuiu para o embasamento teórico do artigo, assim sendo, segundo Amaral (2007):

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (Amaral, 2007, p. 1).

Esta fase consistiu em uma pesquisa bibliográfica centrada em autores e autoras que dialogam com os temas centrais do estudo. Nomes como Freire (1996), Caldart (2002), Silva e Santos (2023), Pacievitch (2009), Baptista (2014), Pessoa (2001), Molina (2012), entre outros, contribuíram significativamente para o aprofundamento das reflexões nos subtemas *3.1 Educação do e no campo* e *3.2 Ler o mundo*. As contribuições teóricas desses(as) pensadores(as), oriundas do compromisso ético e político com a transformação social, constituem um alicerce para compreender a articulação entre educação, território e identidade camponesa.

3 DO CAMPO À LEITURA DO MUNDO

Nesse chão de lutas, entre calos e sonhos, o sol nasce iluminando a colheita, uma coragem na esperança de cativar um futuro melhor. Jovens e adultos sonhadores trilhando um caminho, a cada passo dado, bordado de resistência, colhendo uma educação que se semeia em meio as plantações (...) (Macedo, 2025).

Neste momento, apresentaremos a fundamentação teórica da pesquisa, ancorada em livros, artigos científicos e reflexões de teóricos, que partindo desse diálogo, reflito sobre a educação no meio rural, desafios, limitações e será possível a compreensão sobre como a escola, é capaz de tornar-se um espaço da identidade camponesa e da leitura crítica do mundo.

3.1 Educação *do e no* Campo

A educação foi reconhecida como um direito fundamental na Constituição Federal de 1988, sendo reafirmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996. No entanto, em muitas comunidades rurais no Brasil, esse direito ainda não é plenamente acessado. Diante disso, é fundamental compreender a diferença entre Educação *do* Campo e Educação *no* Campo. Esse entendimento é essencial, pois não se trata apenas da existência de escolas em territórios rurais ofertando aulas aos moradores locais, mas da construção de um modelo educativo que dialogue com a realidade desses sujeitos.

Nesse sentido, Caldart (2002, p.18) destaca que:

No campo, o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do campo: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.

Dessa forma, é pertinente ressaltar que a Educação do Campo se configura como uma proposta voltada para atender às especificidades das populações camponesas, garantindo um ensino que respeite sua cultura, seu modo de vida e sua identidade. Essa perspectiva educacional fundamenta-se na autonomia dos territórios

e na participação ativa dos camponeses na construção do currículo e das práticas pedagógicas. Conforme argumenta Lemes (2010, p. 6), “a educação do campo se constitui, então, em uma ação emancipatória que objetiva incentivar os sujeitos do campo a pensarem e agirem por si próprios”.

Assim, a educação torna-se mais significativa quando está intrinsecamente ligada à realidade das(os) educanda(os), proporcionando um aprendizado contextualizado e relevante. A Educação do Campo, portanto, se distancia do modelo de Educação no Campo, historicamente imposto pelos interesses do capitalismo agrário e das elites rurais, que frequentemente desconsidera a realidade dos camponeses e propõe uma adaptação do ensino nas escolas rurais sem levar em conta as especificidades e demandas dessas comunidades.

A Educação do Campo desempenha um papel crucial, pois é essencial para garantir o direito à aprendizagem, promovendo, ao mesmo tempo, o desenvolvimento humano, social e cultural das pessoas. Como destaca o artigo 205 da Constituição Federal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada pela sociedade para o pleno desenvolvimento do ser humano, da cidadania e qualificação para o trabalho”.

Nesse cenário, vale considerar os desafios que são enfrentados pelos residentes do campo referente ao acesso à educação, principalmente das condições estruturais geográficas que impactam o direito à aprendizagem, comprometendo o pleno exercício desse direito que está assegurado no artigo 205 da Constituição Federal. A precariedade das estradas em dias chuvosos, dificultam a locomoção, como ilustrados na figura 1 e 2 a seguir, evidenciando a realidade enfrentada por estudantes e professores que precisam percorrer por esse caminho para chegar as instituições de ensino.

Figura 1 – Estrada que dá acesso à cidade Alagoinha – PB em dias chuvosos.



Figura 2 – Autora passando pela estrada que dá acesso à cidade Alagoinha – PB em dias chuvosos.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

As imagens 1 e 2, extraídas do arquivo pessoal da autora (2024), retratam, de modo contundente, as adversidades enfrentadas pelas famílias do meio rural: estradas lamacentas e trechos alagados que impõem maiores riscos e custos ao deslocamento diário. Na imagem, mostra um momento de retorno da faculdade para

minha residência, percorrendo um trecho de estrada de barro que liga a cidade de Alagoinha ao Sítio Pindoba, localizado no município de Areia, Paraíba. Esse percurso diário representa os desafios enfrentados ao longo da minha trajetória acadêmica. Esses registros visuais ilustram concretamente a ideia de que “quando se tem um sonho a alcançar, não existe barreiras que nos impeça de seguir em frente” (Macedo, 2025, p. 17), evidenciando como, apesar da precariedade da infraestrutura, persiste uma luta cotidiana por acesso à educação formal.

Ao colocar em diálogo essas imagens com a análise de Silva e Santos (2023), percebe-se que a instabilidade dos caminhos rurais — reflexo das históricas desigualdades no investimento em transporte e vias de acesso — reforça a difícil escolha entre o trabalho no campo e a permanência nos estudos, acentuando a urgência de políticas públicas que garantam condições dignas para a efetivação do direito à educação no meio rural.

A rotina no campo, que continua exaustiva para muitos até hoje, exigia longas horas de trabalho agrícola, deixando pouco ou nenhum tempo para o aprendizado formal. Isso evidencia as condições de trabalho no campo. O corpo curvado sobre o solo, exposto a chuvas e sol, a utilização de enxada ou foice e a plantação ocupando o espaço, mostram a necessidade do trabalho para a sobrevivência familiar, evidenciando os desafios enfrentados no acesso à educação no campo. Um exemplo disso, encontra-se na figura 3, que deixa explícito a sobreposição entre trabalho e exclusão escolar.

Figura 3 – Limpeza da lavoura de milho realizada pela minha mãe (em nossa fazenda, no Sítio Pindoba)



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2025)

A Figura 3 — que retrata minha mãe realizando a limpeza na lavoura de milho em nossa fazenda no Sítio Pindoba, simboliza a conjugação entre trabalho e saberes rurais. A imagem evidencia o gesto cotidiano de resistência camponesa: cada enxada ergue não apenas o solo, mas também a possibilidade de uma vida mais digna. Ao correlacionar essa cena com as reflexões de Silva e Santos (2023) sobre as barreiras

estruturais ao acesso escolar no meio rural, percebe-se que a prática laboriosa no campo não se opõe à formação formal, mas constitui-se em campo de produção de conhecimento — um palco onde se forjam identidade, pertencimento e o anseio de transformar realidades.

Nessa direção, Pacievitch (2009, p.2) explica que:

Em Áreas rurais, é comum que as famílias dependam da agricultura ou da pecuária. Os alunos muitas vezes são obrigados a ajudar nas tarefas agrícolas, o que pode interferir na sua frequência escolar. Alguns alunos podem não ver a educação como relevante suas vidas futuras ou podem não se sentir motivados na escola devido à falta de conexão com o currículo ou à falta de incentivo dos pais.

Pacievitch (2009) discute a realidade de muitas famílias camponesas, em que crianças e jovens são afastados da escola devido às exigências do trabalho no campo. Esse fenômeno de desvalorização da educação no meio rural é exemplificado de forma concreta pela história de seu José, membro de minha comunidade. Ele relata como, em sua família, a educação era frequentemente negligenciada em favor do trabalho agrícola, uma percepção muitas vezes sustentada por sistemas de crenças tradicionais que impactaram suas oportunidades ao longo da vida. Conforme aponta Pacievitch (2009), a falta de incentivo à escolarização, aliada à desconexão entre o currículo escolar e a realidade do campo, compromete significativamente a percepção das crianças sobre o valor da educação. A afirmação de seu José — “Uma mente inteligente transforma o campo em um lugar melhor” — sintetiza sua vivência e ressalta a necessidade de integrar o conhecimento formal às especificidades do meio rural, promovendo a valorização da educação como um instrumento fundamental para o desenvolvimento sustentável e a permanência dos sujeitos no/do campo.

Seu José frequentemente recorre a uma metáfora simples, porém carregada de significado, para conscientizar os mais jovens sobre a importância da educação. Ao entregar uma enxada em uma mão e um lápis na outra, questiona qual dos dois pesa mais. Com a sabedoria adquirida ao longo da vida, afirma: “Se você não estudar, será a enxada que terá de carregar todos os dias. Eu não tive essa oportunidade, e meu corpo já sente as consequências. Não quero isso para vocês.” Essa metáfora, enraizada em sua experiência pessoal, ilustra não apenas a dureza do trabalho no campo, mas também as consequências de um percurso educacional interrompido. Embora narrativas como a de seu José evidenciem a força e a resiliência das comunidades rurais, elas também expõem as barreiras estruturais e históricas que limitam o acesso à educação para muitos trabalhadores e trabalhadoras do campo.

É perceptível que o trabalho no campo é fundamental para a manutenção da vida em sociedade, uma vez que é por meio dele que se obtêm os alimentos consumidos diariamente. No entanto, o meio rural frequentemente sofre desvalorização, e os trabalhadores do campo enfrentam inúmeros desafios para garantir a produção e a comercialização de alimentos. Apesar dessas adversidades, seu trabalho ainda é pouco reconhecido. Esquece-se, muitas vezes, que, sem a agricultura e a pecuária — ou seja, sem a vida no campo —, não haveria fonte de alimentos para as cidades, tampouco matéria-prima para diversas indústrias.

Segundo Ribeiro (2012, p. 295) “Trata-se dos camponeses, ou seja, daqueles que residem e trabalham nas zonas rurais e recebem os menores rendimentos por seu trabalho”. Além disso, é essencial compreender que o campo sustenta a

economia e a vida urbana, devendo, portanto, ser valorizado e apoiado, de modo a garantir melhores condições de trabalho e remuneração para os trabalhadores rurais.

O campo foi, por muito tempo, deixado de lado pelas políticas públicas, visto como um espaço “sem” valor para a educação formal. Aqueles que ainda desejavam estudar enfrentavam dificuldades imensas, como ter de percorrer longas distâncias até as escolas urbanas, muitas vezes sem transporte adequado ou sequer condições mínimas para isso. Essa realidade criou um ciclo de exclusão, alimentando a ideia de que a Educação no Campo era irrelevante, reforçando um estigma de que a vida no campo não merecia o mesmo investimento educacional e social das áreas urbanas. No entanto, a construção de escolas voltadas para o campo é uma tentativa de romper com esse paradigma. Como aponta Caldart (2002), esse movimento representa uma mudança significativa, buscando mostrar que o campo, longe de ser um espaço desprovido de potencial, é um lugar rico em possibilidades de aprendizado e crescimento para as futuras gerações.

Construir uma escola do campo significa estudar para viver no campo. Ou seja, inverter a lógica de que se estuda para sair do campo, e se estuda de um jeito que permite um depoimento como esse: foi na escola onde pela primeira vez senti vergonha de ser da roça. A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente crianças e jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente (Caldart, 2002, p. 24).

Esse conceito rompe com a ideia tradicional de que a educação serve apenas para tirar as pessoas do campo e levá-las para a cidade. A escola do campo não é um lugar onde a criança deve se envergonhar de sua origem, muito pelo contrário, ela deve ser um espaço onde as crianças e jovens se sintam orgulhosos da terra que chamam de lar. A escola precisa ensinar que os desafios do campo são superáveis, mas para isso, é necessário que todos estejam dispostos a enfrentar essas dificuldades de forma coletiva. Portanto, a escola é vista como um local de fortalecimento da região e um espaço de valorização da cultura camponesa, promovendo o entendimento de que a terra tem um valor imensurável para o desenvolvimento de cada um e de todos.

De acordo com Baptista (2014), apenas com a promulgação da Constituição Federal de 1988 que começaram a surgir mudanças significativas nesse cenário. A Constituição reconheceu os direitos sociais de forma mais ampla, incluindo o direito à educação básica e universal. Esse avanço foi reforçado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, que destacava a importância de reconhecer as diversidades culturais e regionais do Brasil, assegurando um ensino adaptado às particularidades de cada local, inclusive as áreas rurais. A partir dessa decisão, as políticas públicas começaram a ser implementadas para garantir a Educação do Campo, como a criação, em 1998, do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Esse programa foi uma verdadeira porta de entrada para os trabalhadores rurais e suas famílias, ampliando as oportunidades educacionais e promovendo a inclusão social nas zonas rurais³.

De acordo com Baptista (2014), com esses avanços, a Educação no Campo passou a ser considerada uma modalidade específica, que exige uma abordagem

³ O PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) é uma política pública criada em 1998 para promover o acesso à educação formal por trabalhadores(as) do campo, especialmente os assentados da reforma agrária.

pedagógica diferenciada, com um currículo adaptado e uma valorização do saber popular. Esse movimento é transformador, pois integra o conhecimento técnico à ética da comunidade rural, formando educadoras(es) comprometidos com o desenvolvimento social e comunitário. Assim, a formação docente busca ir além do simples acesso à escola, promovendo uma verdadeira inserção educacional, que conecta a aprendizagem formal às vivências e experiências cotidianas das comunidades rurais. Como aponta Baptista (2014), essa perspectiva é essencial para que a Educação do Campo cumpra seu papel de transformação e fortalecimento da identidade camponesa.

[...] para atuar na educação do campo, o professor deve ter articulação para trabalhar com as várias áreas do conhecimento que permeiam esta realidade, e precisa estar preparado para contextualizar sua disciplina a este meio, bem como propor uma forma de trabalho que possibilite ao educando ser sujeito de sua história, compreendendo e transformando o seu mundo (Baptista, 2014, p. 20).

Ainda assim, existem muitas lacunas a serem preenchidas. É necessário ampliar o alcance da Educação do Campo, especialmente nas áreas mais isoladas, e garantir melhores condições de trabalho para as(os) professoras(es). As políticas públicas voltadas para essa questão enfrentam obstáculos econômicos, políticos e sociais que dificultam sua execução efetiva. Portanto, é essencial que sociedade e estado atuem juntos para garantir os recursos e criar condições de vida adequadas, assegurando que cada criança, jovens e adultos do campo tenha acesso a uma educação de qualidade, priorizando o direito de aprender.

A Educação do Campo não é apenas um direito fundamental; ela é, na verdade, a única maneira de mudar vidas. Ela combate os ciclos de exclusão social e abre novas possibilidades para aqueles que, apesar das dificuldades e injustiças, ainda acreditam no poder transformador do aprendizado. Desse modo, a transformação está relacionado a que propõe a BNCC, reforçando a importância de educação que vai além da instrução técnica e promover a cidadania.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a leitura é concebida como um ato integrador, essencial para o desenvolvimento das competências comunicativas, intelectuais, reflexivas e críticas dos estudantes. Nesse sentido, a BNCC destaca que o campo de atuação relativo à participação em situações de leitura está presente nas atividades cotidianas de crianças, adolescentes, jovens e adultos nos âmbitos doméstico, escolar, cultural e profissional (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, a leitura vai além da simples decodificação de palavras, estabelecendo conexões com as culturas, os contextos históricos e as múltiplas realidades de cada indivíduo. Esse processo não apenas facilita a participação ativa na sociedade, como também promove o engajamento com diferentes discursos e formas de conhecimento. A BNCC enfatiza, ainda, a importância de expor os estudantes a uma diversidade de gêneros textuais – literários, jornalísticos, científicos e digitais –, ampliando suas possibilidades de interpretação e expressão.

Hoje, o grande desafio é formar leitores críticos, pois segundo o Portal de Notícias g1 (2024), apenas 53% são considerados leitores e os 47% não leitores, ademais, os leitores críticos são leitores capazes de analisar e questionar os textos que leem, reconhecendo intenções, valores e possíveis manipulações, especialmente em um mundo saturado de informações digitais e fake News. No campo, a leitura adquire uma dimensão ainda mais rica, pois se ajusta às especificidades culturais, históricas e sociais das comunidades rurais. Aqui, a leitura é entendida como uma

prática interativa, que não apenas reflete, mas também transforma as relações dos sujeitos com o mundo.

Freire (1982, p. 9) afirma que “a leitura de mundo antecede a leitura da palavra”. Em outras palavras, o significado construído a partir de um texto está intrinsecamente ligado às realidades e vivências das(os) educandas(os). No contexto da Educação do Campo, essa perspectiva se traduz em práticas pedagógicas que dialogam com o cotidiano das comunidades rurais, abordando questões como a luta pela terra, o cultivo da agroecologia, a preservação ambiental e a resistência cultural (Caldart, 2004). Trata-se de uma abordagem educacional que parte das experiências concretas dos sujeitos do campo, valorizando os saberes camponeses e promovendo uma leitura crítica da realidade social na qual estão inseridos.

Além disso, a oralidade, tão presente nas comunidades camponesas, é valorizada como um meio poderoso de trocas de conhecimentos e preservação de valores culturais. Assim, incluir contos, diários e narrativas orais no currículo escolar não só respeita e preserva o conhecimento local, mas também promove um aprendizado enriquecedor. A literatura, nesse sentido, se torna uma ferramenta de emancipação, abrindo novas perspectivas e incentivando reflexões críticas sobre a realidade vivida pelos estudantes, fortalecendo sua identidade e o engajamento com o mundo ao seu redor.

Dessa forma, é crucial entender como as concepções de leitura na Educação do Campo se inserem nesse processo. O próximo tópico abordará justamente essas concepções, visualizando como a leitura, adaptada às especificidades culturais e sociais do campo, pode ser um instrumento transformador para as comunidades camponesas.

3.2 Ler o mundo

(...)O acesso à educação para aqueles no campo residentes, é como uma porta a se abrir, onde carregam nos ombros a fome do saber, canetas, cadernos e livros, é a chave para abrir a porta de um futuro promissor. E nesta jornada cheia de pedras, brota a força de um novo amanhã, porque aprender ali, é sonhar com o impossível e tocá-lo com as mãos (...) (Macedo, 2025, p. 21).

Nesse sentido, o papel da leitura no processo formativo ganha ainda mais relevância. Na perspectiva de Silva (2023), quanto mais cedo se iniciar o processo de aprendizagem da leitura, maiores serão as chances de formar cidadãos críticos que mantenham o hábito da leitura ao longo da vida. Dessa forma, a leitura constitui uma prática essencial no processo educativo, pois é por meio dela que se desenvolvem indivíduos críticos e capazes de intervir no mundo ao seu redor.

No contexto da Educação do Campo, a leitura assume um papel ainda mais significativo, uma vez que possibilita a articulação das concepções pedagógicas com as características culturais, sociais e históricas das comunidades camponesas. Nesse ambiente, a leitura transcende a mera habilidade técnica de decodificação e se consolida como uma prática cultural rica, capaz de ampliar a visão de mundo e fomentar processos de transformação da realidade.

Freire (1989) ressalta que o ato de ler vai além da simples decodificação de palavras. Para ele, a leitura é uma prática que envolve um diálogo profundo entre o leitor e o mundo ao seu redor.

[...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (Freire, 1989, p.9).

Essa perspectiva enfatiza que a leitura deve surgir das vivências dos sujeitos e estar profundamente vinculada às suas realidades, promovendo uma educação crítica e libertadora. No contexto da Educação do Campo, essa concepção ganha ainda mais relevância, pois os educadoras(es) trazem consigo uma rica bagagem de experiências e saberes que são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

Para Koch e Elias (2007, p.11), a leitura é uma prática interativa, em que o leitor utiliza diferentes sistemas de compreensão para construir novos sentidos. Para eles, “a leitura é uma atividade de construção de sentido que depende da interação entre o autor, o texto e o leitor”. Por isso, a construção do significado textual não é algo fixo nem homogêneo, mas resulta do repertório cultural e das experiências de vida do leitor. No contexto da Educação do Campo, essa interação ganha características únicas, pois os textos precisam dialogar com a realidade rural e com as práticas culturais e sociais das populações camponesas. Nessa percepção, Alves (2000, p. 2) salienta que:

Se a criança ou o jovem vai depois se tornar um leitor de poesia não temos como afirmar, mas temos o dever de lavá-lo a ter contato com uma poesia em que esteja representado seus desejos, suas dúvidas, seus medos, suas alegrias, enfim, sua experiência de vida.

Essa reflexão nos revela a importância de considerar as vivências e os saberes dos moradores do campo, valorizando suas realidades concretas. Ao incentivar o contato com as expressões culturais camponesas — como a poesia, o cordel, entre outras — oferecemos espaços para que leitores e escritores se sintam livres para expressar seus sentimentos, memórias e trajetórias. Foi nesse espírito que busquei, por meio da escrita poética, expressar minha própria realidade vivida no campo.

Freire (1996) reforça que a educação deve ser um ato político, ou seja, um conjunto de práticas que possibilitam a formação de sujeitos críticos e transformadores. Para ele, o professor não é apenas um transmissor de conteúdos, mas um mediador, um auxiliar que possibilita ao educando a capacidade de compreender a realidade e questionar a estrutura social. Essa distribuição do saber torna a leitura um instrumento de conscientização, permitindo que os estudantes identifiquem as injustiças e ajam para promover mudanças. Freire afirma que “[...] ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 1996, p.14), o que evidencia a importância de considerar o conhecimento prévio dos alunos no processo educativo.

Complementando essa visão, Silva (1997) destaca que a escola deve instruir as(os) estudantes a se tornarem pensadores críticos, ou seja, leitores ativos que utilizam os saberes adquiridos para transformar a própria realidade. Nesse sentido, a leitura se torna um meio de empoderamento e transformação.

Ao nível das intenções, todos nós desejamos formar leitores questionadores, capazes de se situar conscientemente no contexto social e, ao mesmo tempo, capazes de acionar processos de leitura, praticados e aprendidos na escola, no sentido de participar da conquista de uma convivência social mais feliz e menos injusta para todos (Silva, 1997, p.64).

Quando falamos sobre a Educação do Campo, uma perspectiva crítica da leitura envolve trabalhar com textos que reflitam a realidade e os desafios vividos no campo. Isso significa discutir temas como a luta pela terra, os direitos dos trabalhadores rurais, as tradições culturais, o pertencimento ao território e, ao mesmo tempo, estimular o prazer pela leitura. Para isso, é fundamental adotar práticas pedagógicas que despertem a curiosidade e a imaginação dos alunos, como a leitura de poesias, contos literários e outros textos que abram portas para novas perspectivas.

Magnani (2001), enfatiza que a leitura deve ser entendida como uma prática transformadora e prazerosa, permitindo aos educandos o contato com diferentes visões de mundo. Ele argumenta que as leituras pedagógicas no contexto do campo devem ir além do aspecto técnico, oferecendo condições para formar leitores críticos e autênticos. Essa percepção também é destacada por Soares (2008, p. 31), ressaltando que "A leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos(...)", ou seja, destacando o papel da leitura literária na individualização dos sujeitos, favorecendo a formação de indivíduos mais compreensivos e tolerantes.

Segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2024), atualmente, podemos citar essa inserção de formação de leitores por meio do "Compromisso com o Cantinho da Leitura", iniciativa do governo federal, tem como objetivo viabilizar a criação de espaços dentro da sala de aula que incentivem a prática da leitura, considerando a faixa etária, o contexto sociocultural, o gênero e a etnicorracialidade dos estudantes. A iniciativa está fundamentada no Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023, que instituiu o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Em seu artigo 29, incisos II e III, o decreto estabelece a oferta de recursos pedagógicos, equipamentos, materiais e outros insumos para apoiar as redes de ensino na implementação de programas de alfabetização.

Desse modo, a leitura desempenha um papel essencial no desenvolvimento infantil, conforme destaca Silva (1992, p. 57): "[...] Bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos poderá ser uma excelente conquista para toda a vida".

Assim, a leitura no contexto do campo é entendida como uma prática crítica e transformadora, com o objetivo de formar os educandos a se constituírem como sujeitos históricos e participativos. Nessa percepção, Freire (1989) ressaltou:

A decifração da palavra fluía naturalmente da "leitura do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando supostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro, gravetos, o meu giz (Freire, 1989, p.11).

Sob esse olhar, ao conhecer tanto o mundo quanto a palavra, o educando passa a atuar na realidade, buscando transformações sociais. Ao reconhecer a leitura como uma prática cultural e social, a escola do campo contribui para a construção de um modelo social mais democrático, justo e solidário.

4. Relato de experiência: O encontro com a leitura e poesia

Troc... troc... troc... troc... ligeirinhos, ligeirinhos,

troc... troc... troc... troc... vão cantando os
tamanquinhos...

Madrugada. Troc... troc... pelas portas dos vizinhos
vão batendo, Troc... troc... vão cantando os
tamanquinhos...

Chove. Troc... troc... troc... no silêncio dos caminhos
Alagados, troc... troc... vão cantando os
Tamanquinhos...

E até mesmo, troc... troc... os que têm sedas e
Arminhos, sonham, troc... troc... troc... com seu par de tamanquinhos...
(Canção dos Tamanquinhos, Cecília Meireles, 2024)

A educação é um processo dinâmico, onde as experiências pessoais se entrelaçam com os saberes culturais, sociais e históricos, criando um tecido que nos permite entender melhor a realidade em que estamos inseridos. Para mim, enquanto estudante do campo, a poesia, a leitura e a literatura desempenharam um papel transformador, acendendo o desejo de aprender e despertando a percepção de que era possível mudar a minha própria realidade. Essas experiências se vinculam profundamente com os ensinamentos de Paulo Freire, que propõem uma educação libertadora, que valoriza os territórios culturais e prioriza o diálogo entre professor e aluno.

A educação libertadora problematiza a própria realidade, desafiando os educandos a pensar criticamente sobre sua situação no mundo. Não se trata de um ato mecânico de transferência de conhecimento, mas de um processo dialógico, onde o educador e o educando aprendem juntos, mediando-se pelo mundo que desejam transformar. Dessa forma, a prática educativa deve ser um ato de liberdade, em que o ser humano se descobre sujeito de sua própria história e capaz de intervir na realidade para transformá-la." (Freire, 1987, p. 79).

Minha trajetória com a poesia teve início em minha primeira escola situada no campo, zona rural do município de Areia PB. Apesar de sua estrutura simples, foi nela que vivi essa descoberta essencial. A escola possuía duas salas grandes, mas sem climatização, dois banheiros, uma cantina e uma pequena sala de gestor. Foi nessa pequena sala de gestão que me deparei com um livro simples, mas transformador, estava sozinho afastado dos demais, parecia esperar por mim, e quando comecei a folheá-lo, nele estava contido um poema: *A Canção dos Tamanquinhos*, de Cecília Meireles⁴. Seus versos abriram-me as portas para um universo poético repleto de significados. A musicalidade dos versos e a simplicidade das palavras tocaram profundamente o meu coração, vinculando-me com um mundo poético onde as palavras se tornavam mágicas. Em um momento especial, uma estrofe do poema "Chove. Troc... troc... troc... no silêncio dos caminhos, alagados, troc... troc... vão cantando os tamanquinhos..." que até hoje guardo em minha memória, me fez perceber algo profundo sobre a minha própria realidade no campo. Diante disso, vale ressaltar que:

É na literatura que nossa memória está melhor preservada porque, lá, os fatos da realidade associados à imaginação têm sangue, suor, emoção e,

⁴ A Canção dos tamanquinhos de Cecília Meireles (2024)

assim, é através dela que podemos observar em retrospectiva a trajetória da vida como projetamos outros futuros. (Amarilha, 1996, p. 77)

Aquela leitura me mostrou que a poesia não só expressa sentimentos, mas também tem o poder de refletir a nossa vivência, de ressoar com o nosso entorno, de dar voz ao que muitas vezes não conseguimos expressar. Desde então, a poesia passou a ser uma ferramenta poderosa para a minha compreensão do mundo, além de uma aliada na construção da minha identidade e do meu desejo de transformação.

Nesse sentido, a construção da identidade reflete as relações estabelecidas tanto com a natureza quanto no convívio social. Conforme destaca Wolfgran (2018, p. 30), “[...] os camponeses, por sua vez, enquanto sujeitos de cultura, têm em suas raízes significados que os identificam. Estes vivenciam e compartilham dessas raízes identitárias.”

Essa experiência foi apenas o início de uma trajetória que, com o tempo, se vinculou aos princípios da educação que defendo: uma educação que precisa ser inclusiva, que valorize as realidades culturais e que tenha, como prioridade, o diálogo entre quem ensina e quem aprende. É esse tipo de educação que acredito ser capaz de transformar não só o indivíduo, mas também a comunidade em que ele está inserido.

O meu encontro com a literatura foi um momento marcante, estava na escola, em um dia chuvoso, levantei-me e caminhei até a sala do gestor para pegar uma folha A4 para realização de uma atividade, o gestor havia saído, a sala estava vazia, e enquanto aguardava o gestor, curiosamente fui olhar os livros numa prateleira, e vi um livro separado dos demais, o peguei e comecei a folheá-lo, nele havia vários poemas, foi então que comecei a fazer a leitura de um, e quando li o poema pela primeira vez, uma estrofe, em particular, fez minha mente viajar para aqueles momentos em que o tempo estava chuvoso e eu precisava caminhar até a escola. Com um guarda-chuva em uma mão e o caderno na outra, cuidadosamente embalado em um saquinho plástico para não molhar, o silêncio das matas ao redor, o som da chuva caindo e os meus passos molhados na estrada alagada... tudo isso se desenhou em minha mente como se fosse uma cena de um filme. Foi nesse instante que percebi o poder de uma boa leitura: ela não só nos transporta para outros mundos, mas também nos faz revisitar cenas que já vivemos. Foi aí que comecei a entender como as palavras têm o poder de trazer à tona lembranças e despertar nossa imaginação. Desde então, percebi que ler não é só entender texto, é se enxergar nele.

A poesia me encantou justamente por isso: por sua capacidade de criar imagens e emoções que são únicas para cada leitor. Fernando Pessoa (2001), em sua obra “O guardador de rebanhos” obra de Alberto Caeiro, provoca essas sensações no leitor:

O meu olhar
O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
(Fernando Pessoa, 2001, p. 42).

No poema descrito, desperta-se no leitor a aceitação da realidade. Em relação à vida no campo, o girassol surge como símbolo, uma planta que acompanha o movimento do sol, assim como na frase: “meu olhar é nítido como um girassol”. Esse olhar pode ser comparado à percepção do agricultor, atento ao cuidado com suas plantações em cada ciclo das estações. Além disso, vale destacar o saber popular transmitido entre gerações no campo. Como mencionado por minha mãe: “Antes, quando não tínhamos relógio, ou quando o relógio de parede quebrava, olhávamos para o sol e, conforme seu movimento em relação à terra, conseguíamos estimar aproximadamente as horas”.

Fui atrás de mais livros de poesia, explorei outros versos de autores na qual não me recordo e logo mais fui expandindo minha mente para escrever meus próprios versos. Eles falavam de amor, de comédia, e eram uma forma de expressão privada, algo que só eu conhecia, já que ainda me sentia tímida e insegura para compartilhar. Lembro-me do primeiro verso que compartilhei com alguém. Não era qualquer pessoa, era alguém especial, aquele colega de escola que me fazia sentir as famosas “borboletas no estômago”. Em uma cartinha de amor, escrevi, com o coração batendo mais forte, aquilo que sentia.

Para o meu benzinho,
Palavras vindas do coração.
Por ti sinto um grande carinho,
Não sei se é amor ou paixão.

A poesia se tornou uma extensão de mim, uma forma de dar voz às emoções e aos cenários que fazia parte do meu dia a dia. Ela foi, e ainda é, meu canal para traduzir o que muitas vezes as palavras simples não conseguem alcançar, um reflexo da minha alma. Freire (1996) nos ensina que, antes de aprender a “leitura da palavra”, é essencial fazer a “leitura do mundo”. Ou seja, nossas vivências cotidianas e as experiências pessoais são a base de toda compreensão e interpretação do conhecimento. Acredito que a minha paixão pela poesia expressa exatamente isso.

Os versos e as rimas de Cecília Meireles, por mais distantes que parecessem, estavam profundamente interligadas com a minha realidade. Eles me ajudaram a perceber a beleza e a poesia do campo e despertaram em mim o desejo de escrever sobre a vida que eu vivia ali.

A poesia me permitiu traduzir em palavras o que, muitas vezes, não conseguia dizer de outra forma. Para compartilhar um pouco desse vínculo, deixo aqui um poema que escrevi inspirado no cotidiano do campo, no qual as paisagens, os sons e as experiências do meu dia a dia se transformaram em versos.

Moro no sítio, um lugar de paz
Tem rio, árvore e fruto, isso me satisfaz.
Acordar com o sol, viver cada dia,
O canto dos pássaros me traz alegria.
Levantar-se cedinho para ir estudar,
Saindo em jejum para não se atrasar
A pé sigo o meu longo trajeto,
Se tivesse ônibus seria mais perto.
Os livros na mesa folheando a história
Tão belas palavras guardei na memória.
De Cecília Meireles com versos a rimar,
Despertou-me a escrita nas artes de amar.
Sou estudante, sou do campo, vivo na roça,

A natureza esverdeada de tão bela me adoça.
O sítio é o chão que me faz raiz,
No estudo da vida sou eterna aprendiz.

O contato com a poesia me fez enxergar o mundo sob outra perspectiva, um movimento que Freire (1989, pag. 9) descreveu como “leitura do mundo”. Freire enfatiza que a educação deve partir das experiências do indivíduo, de sua vivência concreta. Minha paixão pela literatura, portanto, não surgiu de forma isolada, mas da conexão com meu contexto, com minha realidade de estudante do campo. Minha experiência evidencia o impacto que a literatura pode ter na formação dos estudantes do campo. No entanto, essa transformação só será possível em larga escala se houver políticas públicas que valorizem e fortaleçam a Educação do Campo, garantindo o acesso a livros, espaços culturais e estratégias pedagógicas que respeitem as realidades locais. Diante disso, vale ressaltar:

Uma das tensões da Educação do Campo no que diz respeito às políticas públicas, especialmente em relação àquelas executadas pelas secretarias estaduais e municipais da Educação, é o apartamento, a ruptura, a separação da Educação do Campo (Molina 2012, p.592).

Portanto, a presente realidade impõe que a manutenção da valorização da literatura e do conhecimento histórico não pode estar desvinculada das condições e oportunidades oferecidas as escolas do campo. A ausência de políticas públicas eficazes resulta nas desigualdades entre as zonas urbanas e rural, tornando ainda mais desafiador o acesso dos estudantes do campo a diversas vivências educativas. No entanto, ao incentivar a participação ativa deles em eventos culturais, concursos e visitas a lugares históricos, esses estudantes sofrem um grande impacto no que tange ao seu aprendizado e desenvolvimento.

Por fim, um momento marcante na minha trajetória como estudante, foi a participação em um concurso de redação na escola que estava matriculada que fica localizada em um distrito próximo a cidade de Areia, a redação foi sobre a história da cidade, que foi promovido entre as escolas municipais tanto a zona rural, quanto a zona urbana.

Com grande honra, tive o privilégio de conquistar o primeiro lugar com a redação sobre a história do município, sendo premiada com um troféu (que ficou na escola), uma medalha de ouro, um tablet e três livros de José de Alencar que traz uma narrativa com histórias de romances indígenas. Guardo esses prêmios até hoje. Os passeios aos museus e a outros espaços fora do ambiente escolar foram fundamentais para meu sucesso nessa redação, pois ampliaram meu conhecimento e despertaram um interesse maior pela história da minha cidade natal. Essa experiência me mostrou a importância de variar as estratégias de ensino, saindo da rotina tradicional de sala de aula e promovendo uma aprendizagem mais dinâmica; isso me mostrou um caminho de conhecimentos enriquecedor, pois os meios de ensino vão além do livro didático, com interações em ambientes diversos.

5 CONCLUSÃO

Ao longo desta discussão, busquei responder ao questionamento: como as narrativas de si, ancoradas na experiência escolar e no encontro com a leitura e a poesia, revelam o papel da Educação do Campo na construção da identidade camponesa e no fortalecimento do pertencimento? Nesse percurso, pude evidenciar

as dificuldades que enfrentei como estudante do campo, mas também a minha paixão pela escrita poética como forma de expressão, resistência e transformação.

Este artigo foi, para mim, um ato de recordação e de reafirmação do meu pertencimento. Através das narrativas de mim mesma, procurei mostrar que a leitura e a poesia não foram apenas caminhos de aprendizado, mas instrumentos capazes de transformar minha realidade e a forma como me vejo no mundo. Como afirma Abrahão (2012, p. 3), “as narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes”. Nesse sentido, minha história também ecoa as histórias de tantas outras pessoas do campo.

Minha trajetória como leitora e estudante do campo foi marcada por muitos desafios, mas também por intensas aprendizagens e profundas transformações. Essa vivência dialoga com a ideia de Paulo Freire (1967), que entende a educação como prática de liberdade. Apesar das limitações e barreiras, a experiência educativa no campo me proporcionou uma interação significativa com o ambiente, com a comunidade e com os saberes do território — aspectos fundamentais para a formação de uma cidadania crítica e participativa. A Educação do Campo me ensinou a enxergar, valorizar e defender as histórias e os modos de vida camponeses.

Minha jornada acadêmica foi árdua, mas nunca impossível. Enfrentei longas distâncias, chuvas, estradas alagadas e crateras no caminho, mas permaneci firme, com o apoio fundamental da minha família. Ingressar na faculdade foi a realização de um sonho: sou a primeira da minha família a cursar o ensino superior. Isso me tornou um exemplo de esperança para outros jovens do campo que, por vezes, descredita a sua capacidade de alcançar um futuro diferente. Ainda assim, percebo que nem tudo pôde ser dito, pois há a importância da valorização da identidade camponesa, e a necessidade de abordar sobre essa temática nas escolas do campo.

Vale salientar também, a importância do apoio familiar nesses desafios enfrentados pelos estudantes do campo. Além da ampliação do entendimento do papel da gestão escolar, dos professores e demais membros sobre as medidas a serem tomadas a respeito dos desafios enfrentados pelos alunos, os impactos que esse enfrentamento pode causar, será que esse desafio diário pode afetar o desempenho do estudante? O cansaço mental e físico é levado em consideração? Qual o nivelamento entre os estudantes que moram na zona rural e os que moram na zona urbana? E qual o papel da família em relação aos desafios dos estudantes camponeses? Além do impacto das políticas públicas voltadas à realidade do campo, e os desafios que os professores enfrentam nessa realidade. Essas perguntas permanecem ecoando em mim.

Minha experiência no ensino superior também foi reveladora. Diferente da educação básica que vivenciei — marcada por uma lógica de “educação bancária”, como criticada por Paulo Freire (1987) —, encontrei um espaço onde havia diálogo, troca, valorização dos saberes prévios e uma prática pedagógica mais significativa e lúdica. Foi também nesse contexto que tomei conhecimento das políticas públicas voltadas para as populações camponesas, principalmente do Decreto nº 7.352/2010, que garante o direito a educação do campo como uma política construída a partir das lutas dos sujeitos do campo. Essa vivência me mostrou que uma educação transformadora só é possível quando faz sentido para quem aprende. A partir disso, me reconheço como uma futura educadora que valoriza a autonomia, o afeto e o lúdico, desejando ser inspiração para outros professores e professoras da minha comunidade.

Concluo este artigo com a certeza de que as dificuldades são reais para todos nós, mas é na persistência que tornamos o impossível, possível. A educação tem o poder de mudar vidas. E o campo, com toda a sua riqueza, precisa ser reconhecido como lugar de produção de saberes, de memória, de poesia e de luta. Que a Educação do Campo seja um solo fértil onde brotam sonhos, onde camponeses e camponesas se sintam pertencentes e orgulhosos de suas raízes. Que a leitura e a poesia façam parte da colheita dos frutos do saber, nutrindo a esperança de um futuro mais justo e enraizado na realidade do povo do campo.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 79–95, jul./dez. 2003 [republicado em 2012]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 01 maio 2025.

ALVES, José Elder Pinheiro. Poesia para jovens leitores. In: PINHEIRO, Hélder (org.). *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000. p. 01–07.

AMARAL, J. J. F. *Como fazer uma pesquisa bibliográfica*. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>. Acesso em: 04 maio 2025.

5

AMADILHA, Marly. **O professor e a leitura**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Proler/Casa da Leitura, 1996 (Coleção Bem-que-ler, 1).

ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

BAPTISTA, Camila Correa. A importância da leitura na educação do campo e a formação do leitor. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, Pato Branco, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *1ª Avaliação do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada: Avaliação de Implementação 2023*. Brasília, DF: MEC, 2024.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária –

PRONERA. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano CXLVII, n. 213, p. 5, 5 nov. 2010.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Art. 205.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo e a pesquisa. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sílvia da Silveira (org.). *Educação do campo: identidade e políticas públicas*. Brasília: MEC, 2004. p. 18–21.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2).

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. 8. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

G1. O Brasil que lê menos: pesquisa aponta que país perdeu quase 7 milhões de leitores em 4 anos. G1, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEIRELES, Cecília. *Criança, meu amor...* 3. Ed. São Paulo: Global Editora, 2024.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. Edição crítica de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

REIS, R. Narrativas de si na pesquisa (auto)biográfica com as juventudes. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, [S. l.], v. 9, n. 24, p. e1161, 2024. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1161. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/20510>. Acesso em: 04 maio 2025.

RIBEIRO, M. Educação rural. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

SILVA, Maria da Guia Torres Bispo da; SANTOS, Maria Pricila Miranda dos. O abandono escolar na zona rural. [S. l.]: [s. n.], 2023.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola: reflexões e práticas*. Campinas: Papirus, 1997.

SILVA, João. A importância da leitura na formação do leitor desde os anos iniciais do ensino fundamental. *Brasil Escola*, 2023. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br>. Acesso em: 19 fev. 2025.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, Lúcia. Narrativas biográficas na formação docente do campo: memórias e experiências do curso Escola da Terra Capixaba. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8PML8LjTqH4B7Tt9ZSwGCMJ/>. Acesso em: 10 maio 2025.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos (org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

VELLOSO, Sílvia Gomes de Santana. *Leitura, letramentos e o ensino de literatura na educação do campo*. 2024. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

WOLFGRAN, Lorrana Miranda. A valorização e o fortalecimento da identidade camponesa no Assentamento Treze de Maio – município de Nova Venécia-ES. 2018. 80 f. Monografia (Graduação em Educação do Campo) – Universidade [Centro Universitário do Norte do Espírito Santo], São Mateus, 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que sempre me guiou a cada passo, iluminou meu caminho e me abriu novas portas. Foi Ele quem me sustentou todos os dias, especialmente quando a estrada parecia longa, quando a chuva era forte e quando tudo parecia impossível. Ele me fez enxergar o possível.

Minha gratidão à minha mãe, Izabel Felix, mulher forte do campo, raiz e flor da minha existência; ao meu pai, Severino do Ramo, que, mesmo em silêncio, sempre foi presença; e aos meus irmãos e irmãs – Aparecida, Maurício, Márcia, Marcone,

Fátima e Marcelo – por torcerem pelas minhas conquistas. Amo vocês, família. Família essa que, com mãos calejadas, me ensinou o valor do esforço e da esperança.

Agradeço aos(as) professores(as) que fizeram parte da minha jornada acadêmica – cada ensinamento foi uma semente plantada. Agradeço, em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Kamila Karine, que sempre me ofereceu apoio nas orientações. Obrigada pelas aulas sobre a educação do campo, que me fizeram enxergar as riquezas que nele existem, e pelo incentivo para que eu narrasse minha trajetória como estudante do campo, resgatando na memória o primeiro contato com a poesia. Obrigada por me encorajar a trazer minhas escritas poéticas para os textos, por acreditar na força da minha voz e me ajudar a transformar memórias em palavras. Agradeço às minhas amigas Ana Mônica e Maria Alexia, por cada apoio, cada conversa, cada sorriso. Vocês tornaram minhas manhãs na universidade mais radiantes e leves.

Agradeço à menina do campo que um dia fui, aquela que, com os pés descalços na terra, sonhava com um mundo maior. Hoje, com a alma repleta de palavras e experiências, abraço essa trajetória com um profundo sentimento de gratidão e orgulho.